

História Militar

Sabemos que a História tem uma enorme importância para a Humanidade, por permitir o conhecimento dos fatos que ocorreram no passado e por ajudar às gerações da atualidade a evitar as más experiências vividas pelos que nos antecederam e, também, a imitar as que deram bons resultados.

Na esfera militar, o valor do estudo da História assume papel ainda mais importante, pois, por intermédio dele, é possível tirar grandes ensinamentos para aperfeiçoar o conhecimento e o treinamento dos líderes do Exército, permitindo que os conflitos futuros causem menor perda de vidas humanas decorrentes de erros grosseiros de seus comandantes, erros estes que já haviam sido cometidos anteriormente.

Em razão disto, a Military Review volta a adotar a História Militar como tema principal nesta edição, abordando vários assuntos, cada um deles apresentando aspectos específicos de um determinado conflito. Podemos perceber, por intermédio da leitura cuidadosa dos diversos artigos, que muitos dos problemas enfrentados pelos comandantes militares no passado continuam a ser enfrentados pelos comandantes da atualidade, apesar do enorme e sempre crescente desenvolvimento tecnológico. E isto ocorre porque, independentemente das armas que se utilizem, a execução da guerra obedece a certos princípios básicos que foram perfeitamente estudados e definidos pelos teóricos militares e que têm resistido a prova do tempo.



As Guerras da Fronteira Americana: Lições para Conflitos Assimétricos

Deputado Ike Skelton, Congresso dos EUA

EM JULHO de 1755, o *Major General* Edward Braddock, comandante-em-chefe de todas as forças britânicas na América do Norte, um soldado com 45 anos de carreira, foi morto no campo de batalha com 900 de seus homens por uma força menor composta de franceses e índios. A caminho de se apoderar do Forte Duquesne, na Pensilvânia, Braddock havia dividido suas forças em duas partes. Devido à dificuldade de atravessar áreas despovoadas, deixaram abrir uma distância de 60 milhas entre a rápida divisão leve e a coluna de apoio, que carregava obuseiros de 8 polegadas extremamente pesados e canhões de 12 libras totalmente inadequados ao terreno.

A divisão leve estendia-se por uma milha. Foi atacada no lado mais afastado do Rio Monongahela por índios que se movimentavam em ambos os flancos das forças britânicas, escondidos na selva que há tanto tempo usavam para caçar. Os britânicos responderam empregando táticas tradicionais — tentando formar companhias e responder ao fogo, mas, infelizmente, apenas agruparam seus meios, convertendo-se em alvos fáceis. Braddock deu ordem para que o grosso de suas tropas avançassem, mas estas se chocaram com os elementos de vanguarda em retirada. Em meio a tanta confusão, 15 dos 18 oficiais da vanguarda foram mortos. Apesar de tudo, as forças restantes continuaram combatendo como haviam sido treinadas, mantendo as formações de pelotão e disparando em conjunto, enquanto os índios, que estavam abrigados, respondiam com intenso fogo. Somente após Braddock ter sido fatalmente ferido nas costas é que as tropas britânicas se retiraram levando o corpo de seu comandante.¹

Guerra Assimétrica: Ontem e Amanhã

Que motivo me leva a começar este artigo sobre os conflitos do futuro fazendo referência a uma batalha que ocorreu há dois séculos e meio? Por ser um ávido estudante de história, acredito ser de vital importância que entendamos que o conceito de guerra assimétrica não é nada novo. Na realidade, é um tema comum na história militar dos EUA e conhecido entre os oficiais das forças armadas hoje em dia. Muitos dos melhores exemplos históricos provêm da série de conflitos que coletivamente chamamos de Guerras Índias. A derrota de Braddock é um exemplo de guerra assimétrica tão válido quanto os conflitos contemporâneos que ocorrem entre os russos e chechenos. Para poder enfrentar os desafios futuros precisamos entender as lições do passado e desenvolver estratégias e táticas para os campos de batalha do amanhã.

Apesar da guerra assimétrica não ser nada novo, está muito em moda hoje, sobretudo após a Guerra do Golfo Pérsico. Devido ao fato de que os EUA obtiveram uma vitória contundente, os adversários em potencial aprenderam a lição do Iraque, isto é, não é possível combater as nossas forças de forma convencional. Em vez disso, estão procurando formas de explorar nossas fraquezas. Este é o cerne do conceito de assimetria, definido por Steven Metz e Douglas Johnson, ambos da Escola Superior de Guerra do Exército dos Estados Unidos, como: “No âmbito dos assuntos militares e de segurança nacional, a assimetria implica em atuar, organizar e pensar de maneira distinta dos adversários, de forma a maximizar nossas próprias vantagens, explorar as fraquezas do inimigo, obter a iniciativa ou alcançar uma maior liberdade de ação.”²

Assimetria no Futuro Campo de Batalha

Em termos operacionais, a assimetria deriva-se de uma força empregando novas capacidades que a força oponente não percebe nem compreende, capacidades convencionais que sobrepujam as do adversário ou capacidades que representam novos métodos de ataque e defesa — ou uma combinação de todos estes atributos.³ O Comando de Adestramento e Doutrina do Exército dos EUA (*US Army Training and Doctrine Command* — *TRADOC*) está estudando formas para caracterizar os desafios assimétricos do amanhã.⁴ Levando em consideração todos estes argumentos, fiquei novamente surpreso com a utilidade das lições aprendidas nas campanhas contra as populações autóctones norte-americanas como a derrota de Braddock. Desta forma comparei as perspectivas do *TRADOC* para o futuro com exemplos assimétricos do passado. Somente com o estudo das lições históricas, estaremos em condições de nos adaptar aos desafios assimétricos.

Apesar da guerra assimétrica não ser nada novo, está muito em moda hoje, sobretudo após a Guerra do Golfo Pérsico. Devido ao fato de que os EUA obtiveram uma vitória contundente, os adversários em potencial aprenderam a lição do Iraque, isto é, não é possível combater as nossas forças de forma convencional. Em vez disso, estão procurando formas de explorar nossas fraquezas. Este é o cerne do conceito de assimetria.

O análise do *TRADOC* começa por salientar as diferenças existentes entre nossa percepção atual do ambiente operacional do futuro com aquilo que provavelmente será o correto. Hoje em dia consideramos o combate aproximado como o envolvimento em ações conduzidas a um ritmo determinado pelas forças norte-americanas caracterizado pela aplicação de tecnologia e de sistemas que impossibilitam o adversário de responder ou retaliar. Portanto, o público espera que as operações militares sejam breves, envolvam ataques de precisão, sofram o menor número de baixas possíveis e protejam a nossa pátria. Por outro lado, os adversários em potencial, provavelmente, tomarão a decisão de combater de maneira tal que contrarie estas expectativas. O combate aproximado futuro será mais dinâmico e letal, marcado por uma maior intensidade, ritmo operacional, incerteza e impacto psicológico. Não podemos esperar que a experiência da Guerra do Golfo Pérsico se repita.

Prováveis Características dos Adversários

Partindo dessas idéias, o *TRADOC* tem discutido quais são os prováveis atributos que os inimigos em potencial terão: um maior conhecimento do ambiente físico do combate e da situação, uma maior compreensão da atuação das forças militares norte-americanas e a capacidade de se adaptarem rapidamente às mudanças das condições do campo de batalha. Estes atributos são similares àqueles desafios enfrentados pelos britânicos e, mais tarde, pelos soldados dos Estados Unidos nas campanhas contra as populações indígenas.

O ambiente físico permanece sendo a variável definitiva do combate aproximado. Para os militares norte-americanos é quase certo que os conflitos futuros ocorrerão em regiões onde o adversário terá um maior conhecimento do ambiente físico e onde suas forças estarão melhor preparadas para combater. Uma característica comum nas campanhas contra as populações autóctones era o conhecimento superior que os índios possuíam do terreno no qual combatiam. Um bom exemplo disto foi o ataque contra as forças do Coronel Henry Bouquet durante sua marcha para apoiar o Forte Pitt, na Pensilvânia, durante a Guerra de Pontiac, em agosto de 1763. Os índios atacaram em uma área de floresta, onde existia limitado campo de tiro, nas redondezas de Bushy Run. Forçaram as forças de Bouquet a se retirarem para uma posição defensiva no topo de uma colina, atacando-as continuamente, sem esperar um contra-ataque. O conhecimento detalhado do terreno permitiu que os índios permanecessem camuflados na floresta, sofrendo poucas baixas.⁵ Este é apenas um dos exemplos das vantagens com que contavam os grupos indígenas até os últimos anos do século XIX.⁶

As forças adversárias nos conflitos futuros terão, além disso, um melhor conhecimento da situação. Devemos esperar que tenham redes de inteligência operando com as linhas telefônicas normais, telefones celulares e empregando sistemas comerciais de imagens. Isto será crítico, não somente porque o adversário poderá distribuir informação rapidamente, mas também porque a informação essencial só estará disponível através da interação humana. Os Estados Unidos, mesmo contando com seus sistemas sofisticados de inteligência, reconhecimento e vigilância, terão dificuldade em cenários complexos a não ser que desenvolvam uma capacidade de inteligência humana em regiões estratégicas importantes. Estes novos adversários aprenderão não apenas a adaptar a tecnologia, mas também as táticas, formações e operações, devido às mudanças de situação durante o transcurso das referidas operações. Essas adaptações os ajudarão a opor-se a uma estratégia de guerra de precisão



Foto: Departamento de Defesa

Um comando de Forças Especiais dos EUA executa uma operação de reconhecimento de terreno no Afeganistão em apoio à Operação Enduring Freedom.

ao criar incerteza e ao buscar controlar a natureza e a hora dos combates.

Durante a Guerra na Chechenia, os chechenos combateram empregando poucas posições preparadas, preferindo deixar que “a situação se organize”⁷, como disse seu vice-presidente, Yanderbaijev. Deslocavam-se de cidade para cidade, evitando a superioridade russa de manobra e de fogo, além disso, empregaram a população local como cobertura para as suas atividades.

De maneira similar, os índios Semínoles adaptaram-se continuamente durante a segunda Guerra Semínole de 1835-1842. Um destacado historiador a definiu desta forma: “A segunda Guerra Semínole não seguiu nenhum precedente estabelecido nas guerras indígenas anteriores, produzindo um golpe brilhante idealizado e liderado por um líder espetacular. Nada menos que sete comandantes dos EUA tentaram terminar a guerra com uma vitória e falharam. Quando confrontados com um poder de fogo superior e em uma situação tática desvantajosa, os índios simplesmente se dispersavam em pequenos grupos e continuavam lutando uma guerra de guerrilha...melhor adaptada ao terreno e a seu próprio

O ambiente físico permanece sendo a variável definitiva do combate aproximado. Para os militares norte-americanos é quase certo que os conflitos futuros ocorrerão em regiões onde o adversário terá um maior conhecimento do ambiente físico e onde suas forças estarão melhor preparadas para combater. Uma característica comum nas campanhas contra as populações autóctones era o conhecimento superior que os índios possuíam do terreno no qual combatiam.

temperamento. Enquanto podia-se esperar que os outros índios do leste seguiriam as regras do jogo, de defender uma posição fixa e serem derrotados — os Semínoles ...seguidamente evitavam as batalhas campais e em seu lugar, empregavam táticas de emboscadas e ataques de surpresa para causar baixas no exército, minar a sua força e, em geral, desanimar seus líderes.”⁸

No futuro, um inimigo tão adaptável causaria uma

pressão adicional na capacidade de resposta dos EUA, já que seus êxitos no campo de batalha teriam cobertura instantânea pelos meios de comunicação e pela mídia mundial.

Finalmente, nossos futuros adversários, terão, sem dúvida, mais conhecimento sobre as forças dos EUA, do que nós sobre eles. Somos as forças militares mais estudadas do mundo. Estados estrangeiros têm em muitos casos, revistas completas (o caso mais notório é a *Foreign Military Review*, da Rússia) dedicadas à análise e à avaliação da estrutura da força militar norte-americana, sua doutrina, conceitos operacionais e capacidades. Todos os principais manuais de campanha do Exército dos EUA e publicações de doutrina conjunta estão disponíveis na Internet e muitas organizações estrangeiras os consultam regularmente. Por exemplo, somente em abril de 2001, o Centro de Lições Aprendidas

Durante a Guerra na Chechenia, os chechenos combateram empregando poucas posições preparadas, preferindo deixar que “a situação se organize”, como disse seu vice-presidente, Yanderbaijev. Deslocavam-se de cidade para cidade, evitando a superioridade russa de manobra e de fogo, além disso, empregaram a população local como cobertura para as suas atividades.

do Exército norte-americano registrou 5.464 visitas da Europa no seu portal da Internet e 2.015 da Ásia. Este acesso, combinado com o conhecimento do terreno no campo de batalha e com o maior conhecimento da situação e adaptabilidade, fará que estes futuros adversários sejam mais ameaçadores.

Como Lutarão?

A essência das guerras assimétricas futuras é o fato de que os adversários tentarão contrabalançar nossas vantagens tecnológicas na aviação, na inteligência, na vigilância, no reconhecimento e outras, ao combater em períodos de visibilidade reduzida, em terreno complexo e ambientes urbanos onde poderão proteger-se dos ataques norte-americanos. Isto também impedirá o uso destas áreas e suas características inerentes de proteção por parte das forças dos EUA, mantendo-as expostas e em posição defensiva.

As forças norte-americanas terão de enfrentar uma crescente incerteza no campo de batalha enquanto os adversários ocultaram a dimensão, localização, disposição e intenção de suas forças. Eles tentarão

convencer aos comandantes norte-americanos que estão empregando táticas convencionais, aumentando, desta maneira, nossa vulnerabilidade em relação ao uso de ações assimétricas, não convencionais e adaptáveis.

Ao mesmo tempo, os adversários empregarão tanto tecnologias modernas como antigas, com um grande impacto no campo de batalha. Talvez empreguem tecnologias antigas de formas singulares, como fizeram os chechenos ao comprar equipamentos comerciais e rádios para detectar e interceptar comunicações russas. Tentarão ainda adquirir tecnologias avançadas e especializadas, como equipamento de interferência para o emprego contra sistemas de posicionamento global e sistemas de ataque eletrônico para reduzir significativamente nossa capacidade de ataque de precisão. Devemos também estar preparados para adversários que melhorarão seus programas de software no meio de uma operação, provavelmente possibilitando uma maior oposição por meio da rede de informática.

Apesar da nova tecnologia, as campanhas contra os indígenas uma vez mais nos oferecem experiências úteis. Muitas daquelas campanhas demonstraram a eficácia das táticas assimétricas ao serem empregadas contra forças superiores, como foram as britânicas e as norte-americanas. De fato, “as táticas indígenas de ocultamento e surpresa, fogo móvel, envolvimento e, quando as fileiras inimigas estavam enfraquecidas, o combate corpo a corpo — continuaram sendo os aspectos básicos da forma de combater dos indígenas dos EUA”, durante um período de 140 anos.⁹ O fato destas táticas terem sobrevivido tantos anos demonstra a importância do desenvolvimento de respostas apropriadas para as táticas assimétricas.

Uma das táticas indígenas mais bem-sucedidas era a emboscada. O massacre resultante de uma emboscada, aparentemente idealizada pelo líder *Crazy Horse* da tribo indígena Sioux, contra as tropas sob o comando do Capitão William Fetterman, em 1866, perto do Lodge Trail Ridge, em Wyoming, causou a morte de 92 soldados norte-americanos. Uma batalha menos conhecida, travada quase um século antes, demonstra a eficácia da emboscada, especialmente combinada com um comando impulsivo. Na batalha de *Blue Licks* em agosto de 1782, um grupo de 182 homens pertencentes a uma milícia de Kentucky, liderados pelo Coronel John Todd (incluindo Daniel Boone e alguns de seus familiares), perseguiram alguns índios que haviam atacado um forte norte-americano. Boone percebeu que os índios estavam procurando esconder seu verdadeiro efetivo mas, ao mesmo tempo, fazendo com que sua pista fosse fácil de ser seguida. Boone pressentiu uma emboscada de aproximadamente 500 índios e aconselhou interromper a perseguição e esperar por unidades de apoio. Um oficial subalterno gritou “Aqueles que não



Foto: Arquivos Nacionais

Gerônimo (em frente do cavalo) com alguns de seus guerreiros durante as negociações com o General George Cook em 1886. Durante este período os homens encarregados das linhas telegráficas e os guerreiros apaches estavam em posições antagônicas durante o século XIX, criando uma espécie de preâmbulo para a guerra cibernética do século XXI.

são covardes sigam-me”, e imprudentemente, atravessou o rio em direção a vários índios posicionados como chamariz, seguido por grande parte da força. Os índios remanescentes aguardavam para realizar a emboscada prevista por Boone, derrotando, de forma avassaladora, as forças norte-americanas.¹⁰

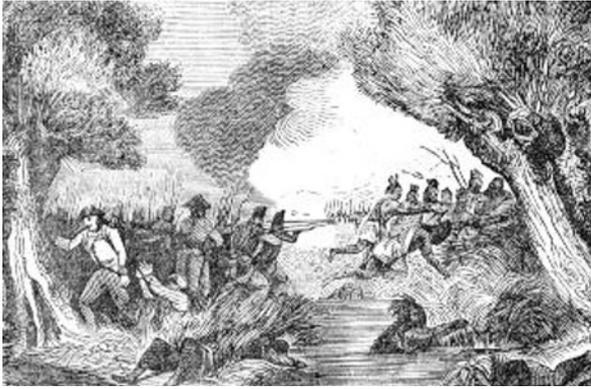
Da mesma forma que em *Blue Licks*, a batalha de *Bushy Run* não apenas demonstrou a eficácia das incursões realizadas pelos índios, até serem derrotados pela aparente retirada e manobras de flanco executadas pelas forças de Bouquet, mas, também, como um inimigo pode fazer uso de táticas de decepção de forma eficaz. A história oficial de *Bushy Run* é que as forças do Exército lideradas por Bouquet foram engajadas e cercadas por, pelo menos, igual número de indígenas. No entanto, quando visitei o local da batalha, aqueles encarregados de recriarem a história indígena e que a estudaram extensivamente do ponto de vista dos índios afirmam que somente havia 90 índios, porém as táticas empregadas faziam parecer que eram mais numerosos. Esta disparidade é um bom exemplo da tentativa de confundir forças convencionais a ponto de não poderem discernir o tamanho real da força opositora.

Finalmente, as campanhas indígenas nos oferecem excelentes exemplos do papel que os avanços tecnológicos desempenham nas campanhas assimétricas. O

“A linha telegráfica, que os havia assustado, já não era mais um mistério. Em 1882, os índios Apache já tinham aprendido a sua função e o seu método de operação. Quando saíam das reservas, cortavam as linhas e tiravam grandes pedaços de fios, ou substituíam pequenas seções de fio por pedaços de couro, juntando ambos de tal maneira que, para descobrir o problema, levaria dias de inspeção meticulosa.”

historiador Armstrong Starkey afirma que os europeus chegaram aos EUA durante um tempo de revolução militar na Europa: “Os soldados europeus trouxeram consigo as novas armas e técnicas desta revolução aos EUA provocando, por volta de 1675, uma revolução semelhante entre as populações indígenas, a qual, durante 140 anos, deu-lhes uma vantagem tática sobre um inimigo mais numeroso e poderoso.”¹¹

Especificamente, a Guerra do Rei Felipe (1675-1676) foi o primeiro conflito no qual os índios usaram modernos fuzis de pederneira. Isso foi vantajoso já que algumas milícias norte-americanas usavam somente mosquetes e lanças e, além disso, os índios eram excelentes



Cortesia de Chris Kimball

Batalha de Okeechobee, Segunda Guerra Seminole.

atiradores.¹² Mais de 200 anos depois do final da Guerra Civil dos EUA, as mesmas suposições errôneas permanecem — especialmente aquela que reafirma a vantagem técnica que os EUA têm sobre seus adversários mais primitivos. Naquela época, o governo dos EUA reequipou suas forças com armas de retrocarga em vez de fuzis de repetição, para evitar a realização de tiros sem pontaria e o uso excessivo de munição, enquanto os indígenas das planícies adquiriram tais armas comprando-as diretamente e, em certos casos, tinham armas superiores na década de 1870. Devemos estar atentos para evitar situações similares a estas em nossos futuros conflitos.

Novas Ameaças

Já vimos a grande utilidade de examinar os conflitos históricos entre os europeus e as populações indígenas dos EUA para aprender lições sobre as possibilidades de futuros conflitos. No entanto, existem duas dimensões adicionais às guerras assimétricas que devem ser mencionadas — a ameaça de armas de destruição em massa, possivelmente para serem empregadas contra os EUA, e de ataques cibernéticos contra as redes militares, do governo e dos sistemas de informação privados dos EUA.

O ponto fundamental da assimetria é a suposição de que o adversário escolherá atacar o ponto mais fraco. No caso dos EUA, os instrumentos assimétricos podem muito bem incluir ações terroristas — com ou sem armas químicas, biológicas e nucleares (QBN) — no nosso território, destinados a dificultar os desdobramentos militares, limitar o acesso, desgastar o apoio público e levar a luta ao povo norte-americano. Em alguns aspectos esta tática não é nova. Começando com a Guerra do Rei Felipe, os indígenas da Nova Inglaterra abandonaram suas limitações tradicionais e “se prepararam para travar uma guerra total contra todos os colonizadores, sem fazer distinção entre combatentes e não combatentes”.¹³ Os ataques contra os norte-

americanos empregando armas de destruição em massa levam estas táticas a um novo nível. Devido a devastação destes ataques e os interesses de muitos possíveis adversários em adquirir estas capacidades, os EUA devem desenvolver estratégias para prevenir e responder a eles.

A ameaça cibernética que paira sobre os EUA é igualmente urgente e constitui-se em um risco à eficácia das forças norte-americanas nos campos de batalha e para a segurança dos sistemas privados e governamentais em todo o território nacional. Sob a direção da Junta de Chefes do Estado-Maior Conjunto foram realizados exercícios de guerra cibernética como *Eligible Receiver* e *Zenith Star* os quais demonstraram a vulnerabilidade das redes de comando e controle aos ataques cibernéticos, um alvo assimétrico, devido à importância histórica dada pelos EUA à tecnologia da informação. Por outro lado existem, hoje em dia, aproximadamente 30 nações que já desenvolveram “programas agressivos de guerras computadorizadas”.¹⁴

Mais uma vez, existe um complemento relevante das guerras indígenas aos desafios atuais. Os índios das planícies dos EUA alteraram os esforços do país no oeste empregando meios não convencionais. “A linha telegráfica, que os havia assustado, já não era mais um mistério. Em 1882, os índios Apache já tinham aprendido a sua função e o seu método de operação. Quando saíam das reservas, cortavam as linhas e tiravam grandes pedaços de fios, ou substituíam pequenas seções de fio por pedaços de couro, juntando ambos de tal maneira que, para descobrir o problema, levaria dias de inspeção meticulosa.”¹⁵ Estas ações parecem ser precursoras dos problemas mais graves que podem ser causados por ataques cibernéticos se não elaborarmos estratégias e táticas para tratar desse assunto como parte de uma campanha assimétrica.

Preparando para Ataques Assimétricos

O primeiro passo para superarmos da melhor forma os desafios do amanhã é aprender as lições do passado. Como os exemplos ilustrados aqui indicam, a experiência dos Estados Unidos, nos seus primeiros anos de vida, nos oferece uma história rica e interessante. Existem ainda outros exemplos, como o dos guerrilheiros iugoslavos lutando contra os ocupantes nazistas, os afegãos contra os russos ou os sérvios na recente operação da Organização do Atlântico Norte (OTAN), em Kosovo. Os comandantes militares devem estudar história. As guerras modernas e de sofisticada tecnologia, com os desafios assimétricos decorrentes, provam a necessidade cada vez maior desse estudo.

Nossas forças devem ser mais flexíveis. Assim como nossos adversários mudarão continuamente suas táticas

e abordagens na busca de nossas vulnerabilidades, devemos estar preparados para aplicar medidas contrárias, adaptando-nos constantemente. Se não o fizermos,

A ameaça cibernética que paira sobre os EUA é igualmente urgente e constituiu-se em um risco à eficácia das forças norte-americanas nos campos de batalha e para a segurança dos sistemas privados e governamentais em todo o território nacional. Sob a direção da Junta de Chefes do Estado-Maior Conjunto foram realizados exercícios de guerra cibernética como Eligible Receiver e Zenith Star os quais demonstraram a vulnerabilidade das redes de comando e controle aos ataques cibernéticos, um alvo assimétrico, devido à importância histórica dada pelos EUA à tecnologia da informação.

arriscamos cometer os mesmos erros do passado. “Enquanto as revoluções militares européias forneceram aos estados os meios para se imporem pela força no interior dos EUA, não adestraram adequadamente as suas tropas com táticas eficazes para serem bem-sucedidas nas

fronteiras.”¹⁶ Assim sendo, nossas forças, doutrinas e táticas devem continuar desenvolvendo a agilidade e poder de adaptação para prepararmos-nos para as mais variadas missões. O Exército continua a fazer isto com suas publicações mais recentes, como os manuais de campanha *FM 1* e *FM 3-0*.¹⁷ Os esforços para lidar com ameaças assimétricas devem respeitar os aspectos fortes e próprios dos EUA — adestramento superior, liderança e tecnologia — que nos oferecem vantagens sobre nossos adversários em potencial.

Finalmente, devemos nos proteger contra a arrogância. Um resumo detalhado da derrota de Braddock estabelece que suas preparações para a marcha rumo ao Forte Duquesne foram precisas. Considerou cada detalhe minuciosamente com exceção “daquele que tinha mais importância: os assuntos indígenas”.¹⁸ Não levou em consideração aqueles chefes indígenas de *Ohio* que poderiam ter sido seus aliados, por considerá-los selvagens, sem jamais terem condições para assessorar tropas disciplinadas. Não devemos cometer o mesmo erro de subestimar um possível adversário devido a sua cultura ou aparente capacidade inferior. Fazê-lo seria repetir os erros do passado com conseqüências futuras devastadoras. **MR**

Referências

1. Fred Anderson, *Crucible of War: The Seven Years' War and the Fate of Empire in British North America, 1754-1766* (Nova York, NY: Alfred A. Knopf, 2000), pp. 94-107.
2. Steven Metz e Douglas V. Johnson II, *Asymmetry and US Military Strategy: Definition, Background, and Strategic Concepts* (Carlisle, Pensilvânia: Instituto de Estudos Estratégicos, Escola Superior de Guerra do Exército dos EUA, janeiro de 2001) p. 5.
3. Esta definição operacional de assimetria é o resultado de uma conversação com o General Montgomery Meigs, Comandante do Exército dos EUA na Europa, o qual é uma fonte excelente de perspectivas sobre arte operacional.
4. Estou profundamente em débito com o General John Adams e seu estado-maior, especialmente com o Coronel Maxie MacFarland do *TRADOC*, por muitas das idéias apresentadas aqui. Gostaria também de agradecer aos Professores Graham Turbiville e William Robertson no Forte Leavenworth, Kansas, por sua assistência com os exemplos históricos. Sua ajuda foi inestimável para a redação deste artigo. Além disso estou muito agradecido a Erin Conaton, funcionária profissional do Comitê das Forças Armadas da Câmara de Deputados, por seu auxílio na pesquisa e redação desse artigo.
5. Ver Anderson, pp. 547-63.
6. A biografia do General Leonard Wood escrita por Jack Lane explica que sendo um cirurgião novo no Departamento Médico do Exército, Wood “aprendeu porque os Apaches...eram os inimigos mais difíceis nos anos 1870 e 1880. Os Apaches aperfeiçoaram a arte da guerra de guerrilha ao operar em pequenos grupos de no máximo 100 elementos para realizar ataques de surpresa. Os guerreiros tinham desenvolvido uma energia e uma aparente habilidade ilimitada para sobreviver com o básico por um período de tempo prolongado, em áreas quase impenetráveis como as montanhas áridas e os desertos do sul do Arizona e do

- norte do México. Organizando-se em pequenos grupos, perambulavam pelo território do Arizona até que, perseguidos pelo Exército, se refugiavam nas Montanhas de Sierra Madre. Para derrotar este tipo de inimigo era necessário líderes e homens excepcionais.” Ver Jack C. Lane, *Armed Progressive: General Leonard Wood* (San Rafael, Califórnia: Presidio Press, 1978), p. 4.
7. “Comandante Checheno sobre Separatismo Moderno,” *Nezavisimoye Voyennoye Obozreniye* (22-28 de janeiro de 1999), p. 2.
8. John D. Waghelstein, “The Second Seminole War: Lessons Learned, Relearned and Unlearned,” *Low Intensity Conflict and Law Enforcement* (Winter 1992), p. 4.
9. Armstrong Starkey, *European and Native American Warfare, 1675-1815* (Norman, OK: University of Oklahoma, 1998), p. 167.
10. Isaac Newton Skelton III e Earl Franklin Skelton, “Ike, This is You” (Washington, DC: 1995), pp. 132-41. O tataravô do autor, Squire Boone, foi ferido durante esta batalha.
11. Starkey, viii.
12. *Ibid.*, pp. 71-72.
13. *Ibid.*, p. 72.
14. James Adams, “Virtual Defense,” *Foreign Affairs* (Maio/Junho 2001), p. 102.
15. Odie B. Faulk, *The Geronimo Campaign* (Nova York: Oxford University Press, 1969), p. 46.
16. Starkey, p. 169.
17. Manual de Campanha, *FM 1* do Exército dos EUA, The Army (Washington, DC: Government Printing Office [GPO], junho de 2001); *FM 3-0, Operations* (Washington, DC: GPO, junho de 2001).
18. The Journal of Captain Robert Chomley's Batman, 20 e 23 de maio de 1755, citado em Anderson, p. 94. O resto do resumo da derrota de Braddock é retirado em grande parte da obra de Anderson; pp. 94-107.

O senhor Ike Skelton, da Câmara de Deputados dos Estados Unidos, do partido democrático, representa o Quarto Distrito do Congresso de Missouri desde 1977. É o membro de maior antigüidade do Comitê das Forças Armadas da Câmara de Deputados dos EUA. Escreveu vários artigos para a Military Review ao longo dos anos. Sua contribuição mais recente, Military Retention Intangibles: Esprit, Morale and Cohesion, foi publicada na edição em inglês de julho-agosto de 1999 da Military Review.